

Análise contrastiva da Morfologia de Caso nas traduções do Evangelho de João no Armênio e no Português

Dênis Douglas Veiga de Souza

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP

ddsouza.jb@gmail.com

Resumen

Brasil y Armenia son naciones culturalmente cristianas, es decir, ambas tienen la Biblia como uno de sus fundamentos culturales. Por constituir una de las obras literario-religiosas común para ambas naciones, tengo la intención de demostrar, a través del Evangelio de Juan, algunas diferencias morfológicas entre el Armenio Oriental y la variedad estándar del Portugués de Brasil (PB). La distancia morfológica entre estas dos lenguas muestra diferencias en el análisis de contrastar las propiedades de una palabra, en ambas versiones del texto, ilustrando temas importantes, entre los múltiples usos de la preposición en PB y su correspondencia inmediata en el sistema casual del Armenio Oriental, una de dos formas estándar de Armenio moderno.

Palabras clave

Traducción, morfología del caso, Lingüística contrastiva, Armenio Oriental (EA), Portugués de Brasil (PB).

Abstract

Brazil and Armenia are, culturally, Christian nations. Both have the Bible as one of its cultural foundations. By considering The Gospel of John as one of the common religious-literary sources of these two nations, I intend to demonstrate, by means of a comparative analysis of selected excerpts from both texts, some particular morphological differences between the Eastern Armenian and standard Brazilian Portuguese and Vernacular Brazilian Portuguese (BP). The distance between those two languages presents us with morphological differences regarding the properties of a word in this or another version of the Text; with this current study, we aim to exemplify relevant issues such as the multiple Case uses of the preposition *de* in PB, and its corresponding Case specific uses in Eastern Armenian, one of the two standardized forms of modern Armenian.

Keywords

Translation, Case morphology, Contrastive Linguistics, Eastern Armenian (EA), Brazilian Portuguese (BP).

Introdução

Este trabalho, em processo e sob orientação da Prof^a. Dr^a. Lusine Yeghiazaryan, baseia-se no contraste entre duas línguas indo-europeias: o Português Brasileiro (doravante *PB*) e o Armênio Oriental (doravante *EA*, para usar o padrão de referência em inglês). O PB é a variante-padrão mais falada da língua portuguesa, com 81% dos falantes nativos, portanto um dos romances mais falados. Já o Armênio Oriental é a língua oficial da República da Armênia, vernáculo da Diáspora oriental desse povo e, assim como o PB, a forma de divulgação da língua mais prestigiada nas mídias.

O pilar deste trabalho resume-se a verificar a que ponto há uma correspondência no Sistema Casual dessas duas línguas, e aprofundar o entendimento das funções gramático-casuais da preposição *de*, que são comumente simplificadas na NGB (*Nomenclatura Gramatical Brasileira*), e que possuem formas distintas na língua oriental a ser averiguada. Do mesmo modo que se defende que

preposições são marcações linguísticas que perfilam relações físicas e psicológicas do mundo espacial e simbólico do qual participamos, a marcação de Caso possui a mesma importância primordial. As diferenças na distância morfológica existente entre as duas línguas analisadas se apresentará ao se analisarem contrastivamente as funções de uma palavra sob o sistema Casual, em ambas as versões do Texto escolhido como *corpus*.

O corpora

O texto escolhido, a Bíblia, teve sua primeira adaptação ao *grabar* (armênio antigo) em 411, mas somente quando Mesrob Mashtots (~362-440) assumiu a missão, conjunta à criação do alfabeto armênio, é que atingiu o nível hoje tão reconhecido. Segundo Petrossian (1976, in Nersessian(2001)) há uma maior presença de lexemas traduzidos do siríaco, em relação ao grego, na versão armênia. A versão foi encerrada em 434, se tornando a sétima língua a ter o texto cristão, e sete séculos antes do rei D. Dinis (1261-1325) começar as tentativas de realizar a versão portuguesa. Durante o reino de Hetum I (~1213-1270) ocorreu uma influência católico-franciscana na corte armênia, abrindo espaço para que trechos da Vulgata fossem indevidamente inseridos na versão armênia. A British and Foreign Bible Society (BFBS) iniciou a distribuição moderna de Bíblias armênias em 1817, em São Petersburgo, com uma versão *grabar*, só que, com sua latente ininteligibilidade aos leigos, procurou-se fazer uma versão moderna em 1819, aos cuidados de Hovhannes Zohrabian. Mesmo com a morte deste, em 1829, o projeto foi retomado em 1837 e terminado em 1853, por missionários americanos em Esmirna.

João Ferreira de Almeida (1628-1691) foi o responsável pelo trabalho que se perpetuou. Publicado parcialmente em 1676, com o Novo Testamento, o compêndio foi terminado por continuadores de Almeida e, com as devidas revisões, publicado em 1748 e 1753. Assim como ocorreu com Mashtots, seu texto tem maior profusão de itens advindos de línguas de seu convívio, pois começou as traduções a partir do castelhano, francês, italiano e holandês, numa segunda fase a partir do latim, e apenas quando teve melhor relacionamento com seus revisores, a partir do grego e hebraico. Como a língua é um elemento vivo novas versões, com o léxico mais próximo dos falantes, começaram a ser produzidas, sendo novamente pioneira a BFBS, que a publicou em 1809 na Inglaterra e distribuiu em Portugal em plena ocupação napoleônica. Segundo Alves (2006) no Brasil há referências esparsas de 1822 com missionários da American Bible Society, como A.L. Blackfort, mas garantidas a partir de 1902, quando se iniciou esforços por uma versão brasileira por revisores brasileiros, terminada em 1917, mas suplantada pela *Almeida Revista e Corrigida*, derivada dos esforços de Blackfort e atualizada em 1968.

Para referência foram utilizadas versões publicadas pela londrina Trinitarian Bible Society, e sua correspondente brasileira, nos vernáculos objetos de análise: o Armênio Oriental e o Português Brasileiro. Como qualquer *pesquisa de uso*, possui limitações, como restrição estatística, mas fica a nós, pesquisadores, a missão de tratar o *corpus* como um devido microcosmo no universo linguístico.

A pesquisa

O objeto analisado e possíveis abordagens

O objetivo central desta pesquisa é verificar como a marcação de caso se manifesta, contrastando uma língua onde o sistema é residual –o Português– e uma em que, apesar das discussões ao contrário, esse é bem delimitado –o Armênio. Tais diferenças na distância morfológica existente entre essas duas línguas se apresentam quando se analisam contrastivamente as funções de uma palavra dentro do sistema Casual, como pode ser visto na tabela contrastiva a seguir, em (1):

(1)

Caso ¹	Morfemas do EA	Equivalentes no PB	Funções básicas ²
Nominativo	-	-	Sujeito, predicativo.
Genitivo	-□ ³ /-□□/-□□/-□□/-□□/-□/-□-	Preposições <i>de, em frente, diante de, para, com, dentro de</i> etc.	Posse, atribuição adjetiva/referencial, modificador.
Acusativo	Nom+Artigo Definido (Inanimado)/Gen+ArtDef (Animado)	Pronomes oblíquos <i>me, te, se, nos</i> etc.	Objeto direto.
Dativo ⁴	Gen+ ArtDef	Preposições <i>de, a, para, em desde</i> etc.	Objetivo indireto, função de partida.
Ablativo	-□□ /-□□□	Preposições <i>de, em, por, sobre</i> etc.	Objeto indireto, função de destino.
Instrumental	-□□	Preposições <i>de, com</i> e derivadas.	Instrumento, ferramenta de ação.
Locativo	-□□□	Preposições <i>de, em, no (s), na(s), onde.</i>	Referência, localização.

As preposições do PB, e principalmente a preposição *de*, como visto, possuem diversas funções casuais das sete em que são divididas a marcação no Armênio Oriental. O *de*, por exemplo, se distribui em quatro casos: Genitivo, Dativo, Ablativo, Instrumental e Locativo. Os exemplos (2) e (3) abaixo, retirados das versões armênia e brasileira do Evangelho de João, demonstram uma ocorrência da preposição *de*:

(2) □□□□□□ □□ □□□□□□ □□□□□□ □□□□□□ □□□□□□ □□:

Ele-Loc ser-3Imp vida-ArtDef e vida-ArtDef povo-Dat luz-ArtDef ser-3Imp

‘Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens’ (cap. 1, v. 4)

(3) □□ □□□□□□ □□□□□□ □□□ □□□□:

Este noite-Inst Jesus-Gen perto vir-Aor3sg

‘Este foi ter de noite com Jesus’. (cap. 3, v. 2)

Como visto acima, a preposição *de* da versão brasileira possui duas correspondentes no Armênio que evidenciam suas funções: em (2) de ponto convergente, objeto indireto (doravante OI) com função de partida, portanto caso dativo; e em (3), pontuando uma referência temporal de ação, a marcação de caso instrumental. Essa análise levanta uma questão: o *de*, para ter relações tanto de posse como de objeto, não pode ser uma simples preposição.

¹ A ordem apresentada segue a partir dos casos com traços mais elementares para a formação dos demais.

² Serão apresentadas as funções básicas com equivalência em ambas as línguas, pois não existe equivalência total. Para total detalhamento, ver Yeghiazaryan (2010).

³ Este morfema ocorre em 90% das declinações regulares no singular, em 100% no plural, porém os demais morfemas ocorrem em lexemas básicos do cotidiano como ‘casa’ □□□□/□□□ (tun/tan), ‘cavalo’ □□/□□□□ (dzi/dziu) e ‘pai’ □□□□/□□□ (hair/hor), sendo necessária sua apresentação.

⁴ A semelhança de formação de Acusativo e Dativo, com diferenças na animacidade e na obrigatoriedade do artigo definido □/□ (n/ə) junto ao Dativo, já produziu teses que defendem apenas cinco ou seis casos no Armênio, mas a linha aqui usada, defendida por Yeghiazaryan (2005 e subsequentes), é a de que isso é uma característica comum das línguas naturais, sendo a função sintática o ponto principal da diferenciação.

Para que esta questão seja respondida devemos nos ater à discussão iniciada por Fillmore (1968: 1-88): a marcação de Caso como item básico das línguas naturais. Nessa introdução o autor já trazia à tona a importância de ver os morfemas casuais por suas funções, e não pela semelhança fonológica, como também a existência de *syntax covert categories*, traços que afloram na estrutura apenas no momento de sua realização fônica. A partir daí dois modos de análise podem ser considerados: um pela linha cognitivista, outro pela gerativista. Primeiro exporei a visão cognitivista, para então descrever os pontos da Gerativa, onde esta pesquisa realmente se desenvolveu.

A perspectiva cognitiva, que trata as marcações casuais como manifestações que podem ocorrer também através de clíticos e preposições, nos traz a visão de que preposições são palavras plenas que perderam a nitidez sêmica ao longo de sua gramaticalização, em diferentes graus de perda, fato que foi ‘compensado’ com o aumento de frequência léxica, afirmação confirmada por Biderman (2001): entre as categorias da NGB, as preposições só perdem para os artigos num *corpus* de 5 milhões de palavras (310 mil ocorrências das preposições e 485 mil ocorrências de artigos). Como para os cognitivistas veem as palavras como *frames* a serviço de operações cognitivas entre indivíduos, categorias como o verbo trabalhariam a relação do sentido da ação representada por um *frame* num dado evento, mas preposições- e por extensão, as marcações casuais-, por suas especificidades, seriam os *frames* que interligam os itens funcionais e lexicais. O *de*, em específico, é interpretado como um *frame* espacial, baseado na ‘indicação de ‘fonte’. Tais considerações batem de frente com a expansão teórica sobre o assunto feita por Chomsky (1981,1986) a partir de Fillmore, em que os pressupostos para concatenação dos itens da sentença ocorrem de outro modo, em que a linguagem possui certa autonomia em relação aos demais componentes mentais, e que será melhor descrita mais à frente. Um cognitivista procura espelhar vários semas num *frame*, um gerativista busca as diferentes configurações que dão, por questões específicas de cada língua, numa forma fonológica única.

Segundo a Gramática Cognitiva e, mais especificamente a Gramática de Construções, é a referencialidade do DP modificado pela preposição que faz que haja escolha por uma preposição e não outra. A marcação será diferente num □□□ (lago) do que num □□□ (mar). Para se marcar o percurso semântico, haverá os *marcos* e os *trajetores*, termos referenciais que serão trocados na teoria gerativista por *fundo* e *figura*. O marco é o ponto de onde sai a referência, e o que estiver no percurso da referência é o trajetor. Em sentenças como *perto do sol* (em EA □□□□ □□□□□) a preposição funciona como trajetor do marco *sol*. Na abordagem gerativista, elaborada por Svenonius (2004), a relação entre *figura* e *fundo* é classificada do seguinte modo, de acordo a preposição locativa utilizada:

*Preposições estativas: fazem a relação entre a figura (objeto buscado) e o fundo (locus da figura) → em;

*Preposições Direcionais: trajetorial, mostrando meta, fonte ou orientação → para

Nesse ponto vê-se certa convergência entre as abordagens. Mas um ponto interessante, e não aprofundado, é levantado por Perini: enquanto o *de* é uma preposição que predominantemente acompanha ambientes nominais, *em*, *com*, *para* possuem uma prevalência de ambientes verbais. Tal proposição pode ser testada por meu *corpus*, mas o *de* aparentemente prevalece em ambos os ambientes, como visto nos exemplos 3 e 4:

(3) □□□□□□ □□ □□□□□□ □ □□□□□□ □□□□□□□□ □□□□□□ □□:

Ele-Loc aux-3Imp vida-ArtDef e vida-ArtDef povo-Dat luz-ArtDef aux-3Imp

‘Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens’ (cap. 1, v. 4)

(4) □□, □□ □□□□□ □ □□□□□, □□□□□□ □□□ □.

Ele que cima-Abl aux-3sg vir-Part, todo-Abl cima aux-3sg.

Aquele que vem de cima é sobre todos (cap. 3, v. 31)

No exemplo (3) a preposição *em* aparece num ambiente verbal, dando caso locativo ao pronome, enquanto o *de* dá caso dativo ao um nome, numa sentença nominal (*luz do/dos povo/homens*). Já em (4) o ambiente verbal é marcado com *de*, sendo utilizada a preposição *sobre* no PB por questões estilísticas, já que ocorreria recorrência de *de*.

Como ultimo ponto extraído do cognitivismo há a divisão das ocorrências de *de* em ambientais nominais em: Nominal de Direção (ND), Nominal Quantificador (NQ) e Nominal Intrínseco (NI).

Em ND estão as ocorrências em que N1 se origina em N2, NQ justifica a presença da preposição *de* junto a numerais e partículas partitivas. Em ambos os casos a presença é do caso inerente, o que mostra que minha escolha pela perspectiva gerativista traz explicações mais profundas sobre o modo de apresentação das preposições.

Enquanto isso NI é quando a relação entre nomes não se ajusta às anteriores, ocorrendo com o caso *default*. Mas a análise das disposições do *default* mostra-se mais completa sob o Gerativismo de Chomsky e será através dela que se fará o prosseguimento da análise empírica dos dados.

A abordagem gerativista e seus resultados

Retomando o já dito, expansão teórica sobre o assunto feita por Chomsky (1981, 1986) os traços da marcação de Caso são classificados na diferenciação que, nesta pesquisa, é visível através da preposição *de*: entre os de caso *default* e os de caso inerente.

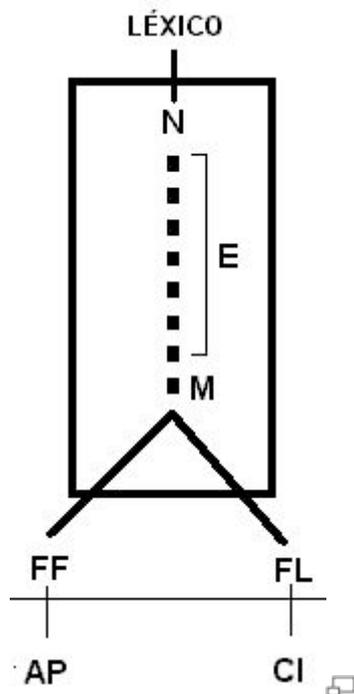
O *default* é dado ao DP de acordo com a posição estrutural, como nos Genitivos não-argumentais, enquanto os inerentes estão atrelados ao papel temático. Tais marcações foram trabalhadas com novas hipóteses com o advento do Minimalismo, como McFadden, porém outro desdobramento teórico, a Morfologia Distribuída, também contribui, como se verá abaixo, a formar os pontos necessários à análise casual.

Voltando às preposições marcadoras de Caso, Avelar (2006) diz que o *de* introduz constituintes nominais, mantendo-se no nível de NP, por possuir contextos de vazio semântico, ocupando espaços que poderiam ser de outras preposições, como *em* (presente em (2) na forma contraída *nele*) e *para*, que apenas introduzem constituintes preposicionados, portanto alçando-os para PP. A inerência dos casos cobertos por *de* no Armênio corroboram tal teoria.

Essa função ‘curiosa’, em contextos determinados como ‘origem, fonte’ coloca essa preposição no mesmo patamar que os auxiliares *ter/ser/estar*, agindo mais como um item funcional do que lexical, conforme Avelar (2004 e 2006).

Tal indagação pode mostrar mais questões que podem estar por *in loco*, como o *de* ser um elemento inserido na frase apenas no nível pós-sintático, um morfema *dissociado* dos demais itens, conforme

o esquema abaixo, adaptado de Embick & Noyer (2001), teóricos da Morfologia Distribuída:



Léxico (*depósito de itens de uma língua L*); N: Numeração (*acervo selecionado do Léxico*); E: Computação Sintática (*conectar, copiar, concordar*); M: ponto de materialização pós-sintático (*Spell-Out*). A Forma Fonética lida com o sistema *articulatório-perceptual* (A-P, que interpreta as instruções para a emissão do enunciado) e a Forma Lógica com o sistema *Conceptual-Intencional* C-I (que interpreta as instruções para a composição lógico-semântica).

A partir do esquema acima se pode visualizar o que Avelar (2006) infere: que o *de*, como morfema dissociado, que esvaziado de valor que seria dado pela Forma Lógica, pode se manifestar como caso *default*, nos Genitivos não argumentais, e como inerente nos Genitivos argumentais. O caso *default*, invisível na Forma lógica, não é suficiente para licenciar o nome no componente morfofonológico, daí inserir o morfema dissociado junto a um DP, no momento de manifestação da Inserção Lexical, mostrado no diagrama acima no braço M-FF-AP. O *de*, assim, se torna a manifestação desse *default* na morfologia, o mesmo ocorrendo com itens inerentes. O desdobramento destas questões estão sob fomento, sendo preparadas para o encaminhamento futuro da pesquisa.

Objetivos e resultados

O objetivo central desta pesquisa é verificar como a marcação de caso se manifesta, contrastando uma língua onde o sistema é residual –o Português– e uma em que, apesar das discussões ao contrário, esse é bem delimitado –o Armênio. Tal objetivo vem colhendo frutos, ao se destrinchar o que há de essencial na diferenciação morfológica dessas línguas, o que as atrela, o que demonstra a capacidade humana de expressar as mesmas formas linguísticas com diferentes estruturas, como tem se visto na preposição *de*. Tais análises, tanto do lado teórico como do didático, tem se mostrado relevante, pois pode dar ao Português uma melhor definição dos usos do *de* e demais preposições em sua totalidade, uma das prerrogativas ao que tem servido os usos do Armênio.

Bibliografia

A. Corpora

Armenian Gospel of John. *Avetaran əst Hovhannesi*. London: Trinitarian Bible Society, 2002.

Bíblia Sagrada. *Evangelho de João*. São Paulo: Scripturae/Bandeirantes Edições Bíblicas.

Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

B. Teses, artigos e livros

Alves, Herculano. *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*. Coimbra: Sociedade Bíblica de Portugal / Sociedade Bíblica do Brasil / Difusora Bíblica, 2006.

Alves, Ieda et al. (Org.). *Estudos lexicais em diferentes perspectivas*. Vol. I. São Paulo: FFLCH/USP, 2009.

Avelar, Juanito. *Dinâmicas morfosintáticas com Ter, Ser e Estar em português brasileiro*. Tese de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

_____. *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

_____. *De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de Haver no português brasileiro*. In: *Letras de Hoje*, vol. 143. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.

Biderman, Maria T.C. *Teoria linguística*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Dum-Tragut, Jasmine. *Modern Eastern Armenian*. John Benjamins Publishing Company, 2009.

Ekizian, Chaké. *Sobre a Gramática da Língua Armênia*. São Paulo: Humanitas, 2004.

Fillmore, Charles J. "The Case for Case". In: Bach and Harms (Ed.): *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968.

Kozintseva, Natalia. *Modern Eastern Armenian*. Vol. 22 of Languages of the World, Munchen, Germany, Lincoln - Europe, 1995.

Megerdumian, Karine. *Beyond Words and Phrases: A Unified Theory of Predicate Composition*. Doctoral dissertation, University of Southern California, 2002.

Nersessian, Vrej. *The Bible In The Armenian Tradition*, London: The British Library, 2001.

Palomo, Sandra. *Análise contrastiva do sistema fonológico do armênio e do português: implicações pedagógicas*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1989.

Perini F. M. Santos, Pedro. *Epistemologia Cognitiva para o Uso de Preposições - o caso da preposição 'de'*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

Svenonius, Peter. (2004). *Adpositions, Particles, and the Arguments they Introduce*, CASTL, University of Tromsø 2004. Disponível em: ling.auf.net/lingbuzz/000042.

Viaro, Mário E. "O pão e o sonho: adaptação da obra de Orígenes Lessa para o contexto social romeno". In: *Anais do I Congresso Ibero-americano de Tradução e Interpretação*. Vol. 1. São Paulo: Unibero, 1998.

_____. "O trabalho filológico na tradução: considerações gerais sobre as traduções do médio-alto-alemão para o português". In: *Pandaemonium Germanicum - Revista de estudos germânicos*. Vol. 2. São Paulo: Humanitas, 1998.